

Zygmunt Bauman

IDENTIDADE

Entrevista a Benedetto Vecchi

Tradução:

Carlos Alberto Medeiros

Jorge ZAHAR Editor

Rio de Janeiro

Título original:
Identity (Conversations with Benedetto Vecchi)

Tradução autorizada da primeira edição inglesa
publicada em 2004 por Polity Press,
de Cambridge, Inglaterra

Copyright © 2004, Zygmunt Bauman and Benedetto Vecchi

Copyright da edição em língua portuguesa © 2005:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2240-0226 / fax: (21) 2262-5123
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Preparação de originais: Cristiane Pacanowski e Arthur Ituassu
Revisão tipográfica: Eduardo Faria e Henrique Tarnapolsky

Capa: Sérgio Campante
Foto da capa: © Bettman/CORBIS

CIP-Brasil.Catálogo-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

B341i Bauman, Zygmunt, 1925-
Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt
Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Ja-
neiro: Jorge Zahar Ed., 2005

Tradução de: Identity: (conversations with Benedetto
Vecchi)
ISBN 85-7110-889-7

1. Bauman, Zygmunt, 1925- – Entrevistas. 2. Identi-
dade. I. Vecchi, Benedetto. II. Título.

05-3014

CDD 302.54
CDU 316.454.5

• Sumário •

Introdução Benedetto Vecchi	7
Identidade	15
Notas	107

• Introdução •

Benedetto Vecchi

Em todos os seus textos, Zygmunt Bauman consegue abalar as nossas crenças fundamentais, e este livro de entrevistas sobre a questão da identidade não é exceção. As entrevistas fogem um pouco do padrão por não terem sido realizadas com um gravador e porque entrevistado e entrevistador nunca estiveram face a face. O e-mail foi o instrumento escolhido para o nosso diálogo, o que impôs um ritmo um tanto fragmentário a nossa troca de perguntas e respostas. Na ausência da pressão do tempo e do face a face, nosso diálogo a longa distância foi caracterizado por muitas pausas para reflexão, pedidos de esclarecimento e pequenos desvios para assuntos que originalmente não pretendíamos abordar. Cada resposta de Bauman servia apenas para aumentar a minha perplexidade. À medida que o material por ele fornecido começou a tomar forma, fui ficando cada vez mais consciente de ter adentrado um continente muito mais amplo que o esperado, um continente cujos mapas eram quase inúteis em se tratando de encontrar direções. Isso não deveria ser uma surpresa, pois Bauman não é como outros sociólogos ou “cientistas sociais”. Suas reflexões são um trabalho em desenvolvimento, e ele nunca se contenta em definir ou “conceitualizar” um acontecimento, em vez disso procura estabe-

lecer conexões com fenômenos sociais ou manifestações do etos público que parecem muito distantes do objeto inicial da investigação, e tecer comentários sobre eles. As páginas seguintes serão mais que suficientes para demonstrar essa natureza errante de suas reflexões, o que torna impossível definir suas influências intelectuais ou seu alinhamento a determinada escola de pensamento.

Zygmunt Bauman tem sido frequentemente definido como um sociólogo eclético, e decerto ele não ficaria ofendido com esta definição. No entanto, a metodologia que ele utiliza para abordar um assunto busca acima de tudo “revelar” a miríade de conexões entre o objeto da investigação e outras manifestações da vida na sociedade humana. Com efeito, esse sociólogo de origem polonesa considera essencial colher a “verdade” de todo sentimento, estilo de vida e comportamento coletivo. Isso só é possível quando se analisam os contextos social, cultural e político em que um fenômeno particular existe, assim como o próprio fenômeno. Daí a natureza errante dos pensamentos que aparecem em seus textos, os quais analisam assuntos que vão da crise no debate público, em *Em busca da política* (1999), à mudança do papel dos intelectuais numa sociedade pautada pela busca da atenção, em *Legislators and Interpreters: On Modernity, Postmodernity and Intellectuals* (1987). Seu intelecto é, de fato, ao mesmo tempo rebelde e rigoroso. É fiel ao presente, mas cuidadoso em reconhecer a sua genealogia, ou melhor, genealogias.

Nesta ocasião, o tema era a identidade, assunto que é, pela própria natureza, intangível e ambivalente. Bauman enfrentou o desafio e realizou um duplo salto mortal: releu a história da sociologia moderna à luz da obsessão e da importância com que o atual debate público trata a identidade e chegou à conclusão de que é melhor não buscar respostas tranqüilizadoras nos “textos consagrados” do pensamento crítico. *Modernidade líquida* (2000) nos projeta num mundo em que tudo é ilusório, onde a angústia, a dor e a insegurança causadas pela “vida em sociedade” exigem uma análise paciente e contínua da realidade e do modo como os indi-

víduos são nela “inseridos”. Qualquer tentativa de aplacar a inconstância e a precariedade dos planos que homens e mulheres fazem para as suas vidas, e assim explicar essa sensação de desorientação exibindo certezas passadas e textos consagrados, seria tão fútil quanto tentar esvaziar o oceano com um balde.

Temos aqui um intelectual para quem o princípio da responsabilidade é o primeiro ato de qualquer envolvimento na vida pública. Para um sociólogo, isso significa conceber a sociologia não como uma disciplina “independente” de outros campos do conhecimento, mas como uma que fornece a ferramenta analítica para se estabelecer uma vigorosa interação com a filosofia, a psicologia social e a narrativa. Desse modo, não deveríamos estranhar se os documentos com os quais ele põe à prova a sua tendência a causar “curtos-circuitos” na cultura de massa e na alta cultura incluam artigos de grandes jornais, *slogans* publicitários e reflexões filosóficas de Søren Kierkegaard sobre Don Giovanni.

Embora ele não tenha grande entusiasmo em falar sobre a sua vida, deve-se dizer que Zygmunt Bauman nasceu em 1925 numa família judia polonesa. Tendo escapado para a União Soviética no início da Segunda Guerra Mundial, ele se alistou no exército polonês aliado ao Exército Vermelho e com ele enfrentou o nazismo. No seu livro *Conversations with Bauman* (2001), ele nos conta que começou seus estudos e o curso de sociologia ao retornar a Varsóvia e que os seus primeiros professores foram Stanislaw Ossowski e Julian Hochfeld, dois intelectuais poloneses pouco conhecidos fora de seu país, mas fundamentais para a sua formação intelectual. Acima de tudo, eles lhe proporcionaram a capacidade de “olhar o mundo de frente”, sem recorrer a ideologias preconcebidas. Se você pede a Bauman, que se tornou um personagem de destaque na “escola sociológica” de Varsóvia, para descrever as dificuldades enfrentadas nas décadas de 1950 e 1960, ele o faz sem qualquer hostilidade em relação àqueles que se opunham ao seu trabalho. Na verdade, ele usa a sua ironia sutil para comparar a penosa liberdade acadêmica da Polônia ao conformismo acadêmico

européu e norte-americano. É igualmente discreto quanto ao seu papel no “Outubro polonês” de 1956, quando participou do influente movimento reformista que desafiou a liderança do Partido dos Trabalhadores Unidos e a subjugação de seu país às ordens de Moscou. Essa experiência o marcou e o preparou para o confronto com a ideologia oficial do marxismo soviético, no que os trabalhos de Antonio Gramsci desempenhariam seu papel. Começou a fazer freqüentes viagens ao exterior. Tirou seu ano sabático na London School of Economics e participou de muitas conferências em quase todas as grandes universidades européias. Então veio 1968, que se revelaria um momento decisivo em sua vida. Bauman, que apoiava o incipiente movimento dos estudantes poloneses, teve seus trabalhos proibidos pelo Partido Comunista quando o anti-semitismo foi usado para reprimir estudantes e professores universitários que exigiam o fim do sistema unipartidário em nome de “liberdade, justiça e igualdade”.

Impedido de lecionar, Zygmunt Bauman mudou-se para a Inglaterra, onde ainda vive. Em quase todos os seus livros, e particularmente em *Modernidade e Holocausto* (1989), ele manifesta uma enorme gratidão a Janina, sua esposa e companheira, de quem é muito próximo tanto emocional quanto intelectualmente. Talvez ela seja uma das figuras intelectuais mais importantes nas reflexões de Bauman, primeiro sobre a “modernidade sólida”, depois sobre a “modernidade líquida”.

Sua vida intelectual na Inglaterra, onde leciona na Universidade de Leeds, tem sido intensamente produtiva. Já me referi a alguns de seus trabalhos, mas, tomando-os como um todo, fica bem claro que, com a publicação de *Postmodern Ethics* (1993), Bauman começou a se concentrar na globalização, analisando-a do ponto de vista não apenas econômico, mas também, e fundamentalmente, de seus efeitos sobre a vida quotidiana. Bauman, decano da sociologia européia, fez disso o ponto de partida para a sua exploração do “novo mundo” criado pela crescente interdependência em nosso planeta. Esse período foi caracterizado por livros como *Globali-*

zação: *as conseqüências humanas* (1998), *Comunidade* (2000), *The Individualized Society* (2001), *Modernidade líquida* (2000) e *Society under Siege* (2002), que constituem o seu grande painel da globalização como uma forma de mudança radical e irreversível. Bauman a vê como uma “grande transformação” que afetou as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os Estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida quotidiana e as relações entre o eu e o outro. Este livro de entrevistas sobre a identidade poderia ser considerado um pequeno acréscimo a esse painel. Parafraçando uma de suas respostas a respeito da identidade, podemos afirmar com segurança que a globalização, ou melhor, a “modernidade líquida”, não é um quebra-cabeça que se possa resolver com base num modelo preestabelecido. Pelo contrário, deve ser vista como um processo, tal como sua compreensão e análise – da mesma forma que a identidade que se afirma na crise do multiculturalismo, ou no fundamentalismo islâmico, ou quando a internet facilita a expressão de identidades prontas para serem usadas.

A questão da identidade também está ligada ao colapso do Estado de bem-estar social e ao posterior crescimento da sensação de insegurança, com a “corrosão do caráter” que a insegurança e a flexibilidade no local de trabalho têm provocado na sociedade. Estão criadas as condições para o esvaziamento das instituições democráticas e para a privatização da esfera pública, que parece cada vez mais um *talk-show* em que todo mundo vocifera as suas próprias justificativas sem jamais conseguir produzir efeito sobre a injustiça e a falta de liberdade existentes no mundo moderno.

No entanto, a “corrosão do caráter”, que aparece com tanta proeminência nos trabalhos mais recentes de Bauman, é apenas a manifestação mais marcante da profunda ansiedade que caracteriza o comportamento, a tomada de decisões e os projetos de vida de homens e mulheres na sociedade ocidental. Como intelectual que vivenciou os horrores do século XX – a guerra, a perseguição aos judeus e o exílio de “seu” país no intuito de permanecer leal a si

mesmo –, Bauman conhece muito bem a diferença entre os fenômenos de longo prazo e as expressões eventuais de uma “longa transformação”, como é claramente o caso da globalização. É fundamental compreender as características proeminentes de uma “longa transição” a fim de identificar tendências sociais, mas é igualmente necessário contextualizar manifestações da existência social dentro do longo período. Talvez seja por isso que, em diversas ocasiões, Bauman zomba educadamente dos que tentam conceitualizar em definitivo a relevância política da identidade. Numa sociedade que tornou incertas e transitórias as identidades sociais, culturais e sexuais, qualquer tentativa de “solidificar” o que se tornou líquido por meio de uma política de identidade levaria inevitavelmente o pensamento crítico a um beco sem saída. Seu convite, portanto, é a exercitar um pouco de sabedoria, mas isso será inevitavelmente rompido por convidados inesperados, isto é, as estratégias de adaptação à “modernidade líquida” que vemos em ação nas sociedades capitalistas tardias. O debate sobre a identidade é, assim, uma convenção socialmente necessária que é usada com extremo desinteresse no intuito de moldar e dar substância a biografias pouco originais. Falamos da identidade em razão do colapso daquelas instituições que, usando uma das famosas expressões de Georg Simmel, por muitos anos constituíram as premissas sobre as quais se construiu a sociedade moderna.

Em *Comunidade*, Zygmunt Bauman investigou a ambivalência exigida pelos novos laços sociais estabelecidos na sociedade capitalista tardia. Eles podem originar exigências de proteção e o retorno a um mundo familiar e restrito que cria fronteiras e barreiras para manter à distância o “*outsider*”, não importa quem seja. Ao mesmo tempo, porém, a comunidade representa um abrigo em relação aos efeitos da globalização em todo o planeta, como podemos ver claramente pela atual crise da mistura racial e cultural norte-americana. Ignorar esse fato é tão perigoso quanto sujeitar-se a ele. Parece-me que o mesmo vale para a política de identidade. Sabe-se bem que Bauman tem freqüentemente chamado a

atenção para o cosmopolitismo dourado e a sedutora mobilidade das elites globais, e também para o modo como ambos contrastam com a miséria dos que não podem escapar à dimensão local. A política de identidade, portanto, fala a linguagem dos que foram marginalizados pela globalização. Mas muitos dos envolvidos nos estudos pós-coloniais enfatizam que o recurso à identidade deveria ser considerado um processo contínuo de redefinir-se e de inventar e reinventar a sua própria história. É quando descobrimos a ambivalência da identidade: a nostalgia do passado conjugada à total concordância com a “modernidade líquida”. É isso que cria a possibilidade de transformar os efeitos planetários da globalização e usá-los de maneira positiva. Não estaria realmente equivocado quem definisse esse processo como “o otimismo do pensamento e o pessimismo da vontade”. Pela quebra dos liames sociais da “modernidade sólida”, é possível vislumbrar um cenário que conduz à libertação social.

Fiel a suas raízes fincadas na grande tradição sociológica europeia, Bauman enfatiza o risco envolvido nesse tipo de discurso. Trata-se, não obstante, de um risco que se deve correr, justamente porque a questão da identidade precisa envolver-se mais uma vez com o que realmente é: uma convenção socialmente necessária. Caso contrário, é certo que a política de identidade vai dominar o cenário mundial – um perigo em relação ao qual já tivemos inúmeros sinais de advertência. Em última instância, os vários fundamentalismos religiosos nada mais são do que a transposição da identidade para a política conduzida por cínicos aprendizes de feiticeiro. A trapaça oculta por essa transposição só pode se revelar se você reconstruir a passagem da dimensão individual, que a identidade sempre tem, para a sua codificação como convenção social. Esta é, creio eu, a questão central.

Qualquer que seja o campo de investigação em que se possa testar a ambivalência da identidade, é sempre fundamental distinguir os pólos gêmeos que esta impõe à existência social: a opressão e a libertação. Esse círculo misterioso precisa ser rompido. Bauman está

corretamente convencido de que a verdade só pode ser afirmada na ágora, removendo desse modo o véu do obscurantismo que impede essa mesma ambivalência de se tornar o lugar onde é possível experimentar o princípio de responsabilidade próprio de cada um. Poderia parecer incoerente que esse homem conciliatório, tão zeloso com a sua privacidade, fique constantemente suplicando a todo mundo para se manifestar, mas trata-se de um convite que deve ser aceito mesmo que o debate público possa desencadear sérias divergências. Isso seria o exato oposto da tagarelice pública dos intermináveis e imutáveis *talk-shows* televisivos a que ficamos tão acostumados. A ágora é o espaço privilegiado em que se pode falar abertamente sobre assuntos como a atual irrestrita privatização da esfera pública, e essa centralidade a qual Bauman lhe atribui é que faz dele um dos críticos mais lúcidos e céticos do *zeitgeist* predominante neste período de “modernidade” líquida.